



Gramaticalização do item linguístico *chegar*: analisando um verbo de/em movimento no Português

Nayara Crisley Barreto Brasil Farias Rocha¹; Valéria Viana Sousa²

Resumo: este artigo tem como objetivo apresentar o percurso do verbo *chegar* rumo a gramaticalização dentro da Língua Portuguesa falada no Brasil (PB) e, em específico, no vernáculo conquistense. Inicialmente, partimos da hipótese de que esse verbo traça um caminho do uso [+ concreto] > [+ abstrato] em perífrases do tipo [V1 (e) + V2], em que V1 é o verbo *chegar* e V2 o verbo principal. Para tanto, delineamos um percurso, de cunho sociofuncionalista sobre o item em estudo, partindo da sua origem etimológica e de dicionários diversos e observando os registros em gramáticas históricas, prescritivas e descritivas.

Palavras-chave: perífrase, verbo *chegar*, abstratização, Funcionalismo

Grammaticalization of the linguistic item "chegar": analyzing a verb of / in movement in Portuguese Language

Abstract: This article aims to present the course of the verb *to arrive* the path of grammaticalization within the Portuguese language spoken in Brazil (PB) and, specifically, in the conquistense vernacular. Initially, we assume that this verb traces a path of using [+ concrete] > [+ abstract] in periphrases of type [V1 (e) + V2], where V1 is the verb *to arrive* and V2 is the main verb. In order to do so, we delineated a sociofunctionalistic and panchronic way on the subject, starting from its etymological origin inside in diverse dictionaries and observing the records in historical, prescriptive and descriptive grammars.

Keywords: periphrasis, verb *to arrive*, abstraction, Functionalism

Introdução

Com o propósito de analisar o percurso do verbo chegar de [+ concreto] para [+ abstrato] rumo ao processo de gramaticalização, optamos por uma investigação de cunho panocrônico que se justifica pela possibilidade de se estudar a língua a partir da consideração de que seu sistema

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e integrante do grupo de pesquisa em Linguística Histórica e Sociofuncionalismo -CNPq. Email: inhoenay@gmail.com ;

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (área de concentração em Linguística e em Língua Portuguesa). Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL/UESB). Líder do grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. E-mail: valerianivasousa@gmail.com.

não é estático e que uma de suas inegáveis características é, por conseguinte, justamente, a mudança, fenômeno somente perceptível no eixo temporal. Característica essa que não foge aos verbos, sendo o seu estudo essencialmente importante nas investigações a respeito do léxico, da sintaxe e da semântica da Língua Portuguesa. Pois, a partir do conhecimento da história de um verbo, é possível se pensar sobre toda uma classe de palavras de uma dada língua e sua relação com as demais, além de possibilitar a comparação de uma língua com outras.

Isso posto, organizamos as seções da seguinte maneira: 1. A observação sócio-histórica do item *chegar*, como uma viagem ao passado, com o objetivo de nos voltarmos a sua origem, dos seus usos mais remotos até os dias de hoje; 2. A observação linguística do item, como uma viagem ainda em curso, na qual pretendemos analisar como se comporta o verbo *chegar* no seu caminhar rumo ao processo de gramaticalização fora e dentro das perífrases verbais.

Um velejar etimológico: a origem lá no porto

O estudo a respeito da linguagem humana sempre perpassa por diversas áreas do conhecimento como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, a Etnologia, a Filosofia, entre outras, na investigação sobre seus inúmeros aspectos. Portanto, nesse artigo, consideramos que qualquer estudo que pretenda observar e analisar os dados de uma língua precisa recorrer a sua história e aos estudos realizados ao longo dessa história, pois a conjunção dos registros de uma língua e as investigações empreendidas a respeito dela ao longo do tempo são de fundamental importância para qualquer novo empreendimento investigativo nesse campo.

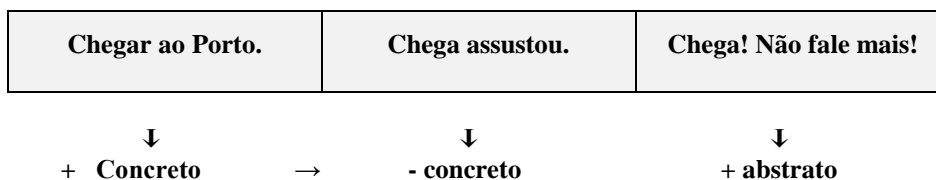
É, sobretudo, da variedade linguística que a Sociolinguística se ocupa e as pesquisas a respeito das mudanças que as línguas sofrem no decorrer do tempo se apoiam nas teorias da Linguística Histórica que, por sua vez, *a priori*, fundamentam-se nos dados demarcados e datados no tempo e no espaço de forma diacrônica. (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003). Temos, portanto, uma boa justificativa para a nossa busca pela origem e pelo caminho que percorreu o verbo *chegar*, coadunando com a seguinte afirmação laboviana:

[...] a sociolinguística segue o princípio apresentado por Jespersen de que, para compreender alguma coisa, devemos compreender como ela veio a existir. (LABOV, 2006, p. 338)

Partindo dessa assertiva, observamos que o vocábulo *chegar* passa por um processo de mudança, com saída de uma significação concreta para outras mais abstratas com admissão de

auxiliaridade funcional, que envolvem questões de mudanças sintáticas, semânticas e morfológicas que precisam ser consideradas no estudo sobre o comportamento do verbo na Língua Portuguesa. Representamos esse processo como exposto na figura 1:

Figura 1: esquema de abstratização do verbo *chegar*



Fonte: elaboração da pesquisadora

Na subseção que se segue tratamos da etimologia do vocábulo *chegar* e dos seus usos fora e dentro de construções perifrásticas. Para isso, utilizamos dicionários, gramáticas históricas, descritivas e gramáticas prescritivas.

Nos ventos sócio-históricos

Partindo, primeiramente, da observação de *chegar* fora das estruturas perifrásticas, ou locuções verbais, foi possível constatar inicialmente que, na maioria dos dicionários da Língua Portuguesa consultados, esse verbo aparece como originado no Latim *pliacare* (“dobrar”). Sendo seu uso primeiramente registrado em referência à atividade dos marinheiros de dobrar as velas ao chegar no seu destino portuário (BOLÉO, 1946; NASCENTES, 1955). Nesse contexto, o verbo *chegar* indicava o ponto a ser atingido, ou seja, um destino final seguido do ato de movimento. Marcando, portanto, a saída de um ponto X e a chegada em outro ponto Y. Observamos que, por metonímia, o verbo passa a ser ou indicar o momento que se atinge um ponto físico no espaço. E é, a partir desse movimento de um ponto físico a outro ponto físico, que analisaremos os possíveis usos do item em estudo, partindo da hipótese de que o traço de movimento é uma característica que permanece inerente ao vocábulo mesmo nos exemplos mais abstratos, dependendo de um maior esforço inferente para sua percepção.

Ao nos empenharmos na busca dos usos que o verbo *chegar* permite na Língua Portuguesa, foi possível verificarmos que estruturas como “*Chegar à justiça*” (JOAQUIM DE SANTA ROSA DE VITERBO, 1798-1799) aparecem no século XVIII, com o sentido de fazer com que alguém seja castigado e punido pela justiça, ou com o intento de que algo chegue ao

conhecimento da justiça. Em casos como esses, *chegar* denota um movimento, mesmo que não haja um ente em deslocamento, mas uma informação que *chega* a alguém, que representa a justiça. Movimento esse marcado/auxiliado, também, pelo uso da preposição “a”. Portanto, o que pretendemos destacar é que, ainda que o verbo não esteja sendo utilizado no seu sentido pleno no exemplo citado, apesar de arcaico, há nele uma insistente característica que o acompanha durante o processo de gramaticalização: o movimento. Vele dizer que, a grosso modo, a permanência de traço é quando um item em processo de gramaticalização ou gramaticalizado traz em si características do item lexical de origem (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). E, se expressões como “*Chegar à justiça*” já apareciam em textos do século XVIII, podemos supor, por ora, que o processo de gramaticalização do item *chegar* não é novo, como veremos a seguir nos dicionários pesquisados.

Na próxima subseção, faremos um percurso pelos dicionários, partindo da etimologia do item até as expressões e usos mais inovadores de acordo com os registros e os usos da Língua Portuguesa do Brasil.

O verbo *chegar* segundo dicionários etimológicos

A partir de dicionários etimológicos, é possível constatar que o uso mais antigo do verbo *chegar* está relacionado com o ato dos marinheiros de dobrar as velas ao aportarem seus navios, como mencionado anteriormente. E, Cardoso (1562), em seu *Dictioarium lusitânico latinum*, faz referência ao termo “*Plico*” como “dobrar” e, em Bluteau (1789, p.154), no *Dicionário da Língua Portuguesa*, o verbo *chegar* aparece como originado de *Pliacare*, com significado de “aproximar, mover para perto, junto v.g.; a. Cheguei-me a ele; b. os homens folgavam de chegar-se aos seus semelhantes, estar junto com eles, conversar-se.” Boléo (1946), também, apresenta o vocábulo *chegar* como originado do Latim *Plicare/Adripare*, com sentido de dobrar, tradução do Latim *venire* (vir, contrário de partir) ou *advenire* (partir). Segundo o autor, haveria, então, uma evolução no sentido do vocábulo de um emprego da linguagem náutica para a indicação de movimento em outros contextos.

Machado (1967), em seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, faz referência à “curiosa evolução semântica” já percebida por Boléo (1946), na passagem do Latim para o Português:

[...] o representante de *plicare* em português e espanhol significa “chegar”, ao passo que em romeno “*pleca*” tem o sentido de “partir”. Como explicar o facto? É que a palavra *plicare*, naqueles idiomas, pertenceu originariamente ao domínio náutico: *plicare velam*, “dobrar a vela”, “chegar”; no romeno, à linguagem militar: *plicare tentoria*, “dobrar as tendas”, “partir” [...]. (BOLÉO, p. 607).

Machado (1967) observa, ainda, no Português, denominado por ele de familiar, expressão do tipo “fazer as malas”, com o significado de “preparar-se para partir”. Dessa feita, segundo as afirmações do filólogo, podemos entender expressões do tipo: “Ele já desfez as malas” como “ele já *chegou*” e, “Ele não vai mais fazer as malas” como “ele não vai mais partir”. Entendimento como esse é possível por causa do processo metonímico embutido nessas expressões e da nossa capacidade cognitiva de transpor conceitos concretos para outros mais abstratos. Voltaremos a tratar de metonímia, enquanto processo cognitivo na recategorização de itens linguísticos em seção própria.

Machado (1967) afirma que no Latim tardio já existia a expressão “*plicare*” para se referir *achegar*, como nos seguintes exemplos:

1. “ut per médium transuersarem caput ipsiud uallis, et sic **plecaremos** nos as montem Dei” (Etéria, *Jornal de Voyage*, p. 100, ed. D 1948).
2. “[...] et euntes inter montes intrauerarmus, ac sic ergo denuo **plicauimus** nos ad mare” (Etéria, *Jornal de Voyage*, p. 120, ed. D 1948).
3. “[...] foras ciuitatem tamen ante óculos persarum, cum iam prope **plicarent** ciuitati, ita ut usque tertium miliarium de ciuitate essent...” (Etéria, *Jornal de Voyage*, p. 166, ed. D 1948).³

Nesses exemplos, observamos que o traço de movimento do verbo *chegar* é uma das suas principais características desde o Latim tardio até os dias de hoje no Português. Isso implica dizer que o verbo *chegar* vem preservando determinados traços semânticos da forma fonte até a forma gramaticalizada, sempre com a sugestão de um movimento, ainda que, muitas vezes, só percebido de forma inferencial dentro de determinados contextos, com, ou sem, a saída e a chegada a pontos fixos distintos.

Nascentes (1955)⁴, antes de tratar do verbo *chegar*, refere-se primeiramente ao verbo “*avir*”, do Latim “*advenire*”, que, em Espanhol, tornou-se “*avenite*”; em Italiano, “*avvenire*”;

³ 1. “Então, pelo meio sigamos, pela cabeça do mesmo vale e assim nos dirigimos ao monte de Deus” .2. “[...] e intes, erramos entre os montes, contudo, novamente dobramos em direção ao mar;3. Estavam a três milhas, quando quase cruzaram a cidade, diante dos olhos dos persas. (Tradução do Professor Doutor Lucas Santos campos/UESB)

⁴ Nascentes (1955) faz referência ao vocábulo “*Curare*” derivado do guarani *urari*, cujo significado abarca a expressão “de uma língua americana”. O autor afirma que Larousse dá as formas *loorrara*, *vourary*, *ourary* do dialeto galibi ou cariba. E, segundo ele, Locotsch *A`merikaiv Worter* dá a opinião de que é uma contaminação do tupi *cururu* (*sapo*) e *urari* (*flecha*) envenenada (das raízes *ur*, chegar, e *ar*, cair. Explicação que nos chamou a atenção dado que o significado que a expressão “de uma língua americana” abarca pode ser entendido como “vindo de uma língua americana”. E, a inserção do verbo “*vir*” no significado de

e, em Francês “avenir”. Depois, o filólogo defende a ideia de que para se referir à chegada de alguém ou algo, apenas, se utilizava os verbos *ir* e *vir*, só depois há o uso de um vocábulo para indicar quando alguém atinge um ponto físico, ou seja, o resultado de *ir* e *vir* passa a ser indicado com o verbo *chegar*. Assim, Nascentes (1955), no mesmo dicionário, faz referência ao verbo *chegar* como sendo, mesmo, oriundo da linguagem náutica, que, inicialmente, indicava o dobrar as velas na chegada ao porto. E, assim como no Português, *chegar*, primordialmente, significa “dobrar”; no Espanhol “llegar”; em Italiano “piegare”; e, em Francês, “player/plier carregam a mesma carga semântica. O que nos leva a observar que houve uma mudança gráfica de uma língua para outra, mas o significado permaneceu equivalente, sempre, carregando o traço de movimento.

Bueno (1968), em *O Grande Dicionário etimológico-prosódico da Língua Portuguesa*, obra essa que considera as contribuições do tupi guarani para a formação da Língua Portuguesa, parte com rigor da origem náutica do verbo *chegar*, dando como primeiro significado o verbo *vir*: “Vir ao termo de uma viagem”. Além disso, firma a ideia de que esse verbo está diretamente relacionado com o ato de movimento até a um ponto físico, como em: “Aproximar-se do ponto final a que se dirigia alguém ou alguma coisa em movimento” (Bueno, 1968, p. 248); e, como referência própria da linguagem náutica, como em: “abordar”, “atracar”, “encostar”. Dessa maneira, o verbo *vir* teria uma relação semântica inegável com o verbo *chegar*, dado que ambos tratam de marcar o movimento de algo ou alguém de um ponto fixo X a um ponto fixo Y.

Cunha (1986), por sua vez, considera o vocábulo *chegar* com o sentido de ‘atingir um ponto fixo, (com dupla noção de tempo e de espaço)’. Do lat. *Plicare* ‘dobrar, enrolar’: explica-se a evolução semântica pelo fato de o vocábulo ter origem na linguagem náutica; do sentido primitivo do Latim ‘dobrar, enrolar’ passou-se ao de ‘chegar (ao porto, a embarcação)’, pois, nessa ocasião, os marinheiros dobravam e enrolavam as velas na chegada aos portos.

Observamos, a partir dos dicionários etimológicos consultados, que há concordância entre os filólogos a respeito da origem do verbo *chegar*. Também, notamos que, desde o seu significado original, esse vocábulo vem adquirindo sentidos mais abstratos. Segundo Faggion (2012), em artigo intitulado *Chegar, Pregar: dois diferentes processos de gramaticalização*, o verbo *chegar* desenvolveu significados que vão além da chegada a um ponto físico (cheguei a Porto Alegre), para significados mais abstratos, como em:

“Curare”, a nosso ver, está relacionado com o verbo *chegar*, na medida em que assim como “a flecha cai aonde chega” as velas caem quando chegam ao porto para serem dobradas.

Quadro 1: Usos dos verbos *chegar* segundo Faggion (2012)

Exemplos	Significado
a. Cheguei ao desespero. →	[+ abstrato]
b. Cheguei ao capítulo nove. →	[+ lugar virtual]
c. Cheguei a correr. →	[+ ação]
d. Cheguei a miséria. →	[+ estado]
e. Cheguei a doutor. →	[+ grau]
f. Cheguei de São Paulo. →	[+ trajetória]
g. Chega de sofrer. →	[+ fim de um estado]
h. Chega de trabalhar hoje. →	[+ fim de uma ação]

Fonte: Faggion (2012, p. 9, adaptação da pesquisadora)

Ao pesquisarmos a origem do verbo *chegar*, constatamos que, além dos seus novos sentidos, há mudanças sintáticas, com a adesão de novas preposições (de, para, em), que favorecem a abstratização do item enquanto característica própria do processo de gramaticalização. Tomando como base essa característica, observamos que, etimologicamente, o uso mais concreto do verbo *chegar* está para o sentido de *vir*, sendo este o sentido que apresenta mais marcadamente o traço semântico de [+ movimento](direção de um ponto a outro). Também constatamos que, sintaticamente os filólogos consideram *chegar*, com relação a transitividade, como: a. verbo intransitivo (Ele já chegou.); b. transitivo direto (Chegou às mãos a faca para cortar o mal); c. Transitivo indireto (Chegou a Belo Horizonte hoje à tarde).

Na próxima subseção, apresentamos alguns dicionários de usos, nos quais verificamos as possibilidades de sentidos permitidas na Língua Portuguesa para o verbo *chegar*.

Nos dicionários de usos

Os dicionários de usos aos quais pesquisamos para a produção deste trabalho permitiram que verificássemos algumas possibilidades que o verbo *chegar* comporta dentro da Língua Portuguesa. Além disso, foi possível a observação de que muitos desses usos não são mais realizados, característica do próprio processo de mudança linguística, enquanto novos usos surgiram e concorrem com aqueles já existentes e de permanente realização. É o caso dos exemplos que Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (1798-1799) apresenta em sua obra intitulada *Elucidário das palavras, termos e frases*, editada por Mário Fiúza (1865). Ele traz as seguintes acepções ao verbo *chegar*, que são pouco usadas na língua Portuguesa falada no Brasil e aparecem em determinados procedimentos e situações de cunho jurídico, em audiências e documentos judiciais:

a. *Chegar à igreja. Fazer bem d'alma, missas, ofícios, esmolas e tudo o mais que pode sufragar às almas dos fiéis defuntos. E peço-lhis por mercé, que me cheguem á Egreja, o mais que poderem. (Documento de Vairão de 1289).*

b. *Chegar à justiça. Fazer que alguém seja castigado e punido pela justiça, obrigar à pena da lei. Que nom era theudo a aver pena de justiça, nem el de Direito auçom, porque a ella podesse chegar. Sentença das Bentas do Porto de 1337.*

c. *Chegar as testemunhas. Aduzir as testemunhas em júzo, presentá-las ao juiz para serem, legitimamente, perguntadas.*

No exemplo (a) “Chegar à igreja” vemos duas possibilidades de interpretação:

1. Não, necessariamente, se trata de ir até a igreja. Ou seja, não há um ser animado que se locomove fisicamente até um determinado ponto. Nesse caso, o verbo está sendo usado no sentido de “achegar-se”, “participar”, “fazer aquilo que a igreja ensina”, estar perto e ativo nas obras da igreja. O que significa dizer que, alguém pode “chegar à igreja” mesmo sem sair de casa. Ou seja, o verbo *chegar*, nesse exemplo, mantém de forma muito tênue um traço de movimento, pois há um ponto fixo marcado, a saber: “igreja”, mas não há um ente em movimento fixo do ponto X ao ponto Y.
2. Há um movimento de saída da posição (eclesiasticamente inferior) em que se encontra o ente em relação ao lugar igreja (eclesiasticamente superior). Haveria, então, uma ideia de movimento implícita que se revela pelo movimento de saída e de chegada à igreja.

Por sua vez, o exemplo (b), “justiça” não denota ponto fixo, ainda que o deslocamento pareça persistir. E, seguindo a prerrogativa de movimento, o exemplo (c), por sua vez, difere-se de (a) e (b), pois, apesar de não ter um ponto físico [+ marcado], “as testemunhas” são levadas, apresentadas e interrogadas pelo “juiz”, denotando um movimento real, de um ser animado que sai de x para y literalmente.

De acordo com a Sociolinguística Variacionista (LABOV; 1972; 1982; 1994; 2001), é possível compreendermos que, no exemplo “a1” e “a2”, o verbo *chegar* exerce sua função prototípica e sua característica de movimento está reforçada pela presença da preposição “a”. Já no exemplo “b1”, vemos o uso do verbo *chegar* como gramatical, exercendo uma função aspectual que, segundo Costa (1997), volta-se para um maior ou menor grau de expressividade que o falante quer dar ao seu enunciado, tornando-o mais expressivamente objetivo, concreto e observável. Nesse caso, a expressão “chega nem sei” parece denotar uma intensidade tal do fato mencionado que o falante não consegue mensurar com exatidão sua força e verdade, a não ser

de forma consecutiva. Assim, “b2” também apresenta um valor consecutivo de que faz uso o falante para expressar quão forte foi o estrondo “que chega abalou as paredes da casa”.

Vejamos o registro do verbo *chegar* em alguns dos dicionários⁵ utilizados comumente no Brasil, a saber: Houaiss (2009), Luft (1998), Michaelis (1998) e o Novo Dicionário Aurélio da língua Portuguesa (1986). Para tanto, as acepções que encontramos foram organizadas de três maneiras diferentes: a. primeiro apresentamos um quadro em que consta os significados mais comuns de *chegar* no Português falado no Brasil nos quatro dicionários; b. todas as acepções encontradas nos selecionados dicionários selecionados; c. um quadro com as acepções menos utilizadas no Português falado hoje no Brasil.

Quadro 2: Acepções do verbo *chegar* igualmente usadas em alguns dicionários de usos do Português do Brasil

Sentido	Houaiss	Luft	Michaelis	Novo d. aurélio
Vir	X	X	X	X
Atingir	X	X	X	X
Alcançar	X	X	X	X
Alçar (uma posição)	X	X	X	X
Igualar/ ombrear	X	X	X	X
Bastar	X	X	X	X

Fonte: elaboração da pesquisadora

Os 04 dicionários verificados apresentam, consensualmente, a mesma origem latina do verbo *chegar* e trazem como principal acepção o movimento de ida e vinda com a aproximação de um ponto fixo. Contudo, destacamos alguns usos que parecem estar em desuso ou são pouco utilizadas no Português falado no Brasil, como observamos no quadro 3:

Quadro 3: Usos menos comuns do verbo chegar no Português falado no Brasil

Sentido	Houaiss	Luft	Michaelis	Novo D. Aurélio
Levar um animal a padreação	X (A égua chegou-se ao animal da roça vizinha)		X (Chegou a égua ao pastor)	
Oferecer como preço de compra		X (Posso chegá-lo por R\$ 200,00)		
Ir embora				(Veio ver-me à tardinha, disse que já ia chegando.)

Fonte: elaboração da pesquisadora.

As observações a respeito dos exemplos encontrados em alguns dos principais dicionários de uso da Língua Portuguesa que utilizamos nesse trabalho nos fazem reforçar a hipótese de que, do ponto de vista do Funcionalismo norte americano, de onde partimos, encontramos na Língua Portuguesa falada e escrita no Brasil o uso do verbo *chegar* como verbo pleno, lexical, exercendo sua função prototípica, mas, também, constatamos que esse mesmo verbo apresenta usos em franco processo de gramaticalização. Dada essa observação, seguimos para a próxima subseção com o intento de apresentarmos as funções gramaticais do verbo *chegar* na língua Portuguesa.

O verbo chegar em algumas Gramáticas Históricas

Said ali (1971) chama de România o domínio que engloba os idiomas originados no Latim, a saber: os idiomas românicos, os romances e os neolatinos. Segundo ele, dados os efeitos da colonização que alguns povos fizeram na África e na Ásia e no continente americano, muitos lugares longínquos passaram a falar línguas de origem latina, mais especificamente, do Latim Vulgar, propagando de tal forma essas línguas e os seus dialetos que a ciência, ainda, não delimitou a classificação das mesmas. A dificuldade, segundo o gramático, está no fato de essas línguas serem originadas da língua falada, viva. Ou seja, trata-se da língua com todas as suas faces, da língua imediata, necessária, em uso, como analisada por nós, funcionalistas. Para Said Ali (1971), o verbo é, então:

[...] a criação linguística destinada a expressar a noção predicativa. Denota ação ou estado e nas línguas do grupo ariano possui sufixos próprios, com que se distingue a pessoa do discurso e o respectivo número (singular ou plural; em alguns idiomas também o dual), o tempo (o atual, vindouro ou pretérito) e o modo da ação (real, possível, etc). (SAID ALI, 1971, p.129)

Assim como a maioria das gramáticas, a obra de Said Ali (1971) segue um conceito de verbo como ação ou estado, que possui terminações variáveis com que se distingue a pessoa do discurso, o número e o tempo, além, é claro, do modo da ação. Seguindo uma extensa explanação sobre os tempos verbais, Said ali (1971) corrobora para o estudo das conjugações compostas, próprias das perífrases verbais, afirmando que essas estruturas são compostas a partir da combinação de um verbo relacional (auxiliar) com outro verbo na forma infinitiva, gerúndio ou particípio do pretérito de um verbo nocional (principal). Ele procede em sua explanação a partir da consideração de que tempo composto e perífrase verbal é a mesma coisa,

diferente do que, segundo ele, os estudos gramaticais antigos consideravam. Para o gramático, expressões do tipo “ter andado” e “estar andando” foram originadas por processos análogos. Said Ali (1971) considera como auxiliares (autênticos) somente os verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*. Isso porque eles denotam, além da ação ou estado de outros verbos, outros sentidos próprios de sua relação com verbos no infinitivo. Daí surgem as conjugações compostas, que se igualam as formas finitas e infinitas das conjugações simples, com exceção do particípio do pretérito e o imperativo.

Apresentamos, a seguir, um resumo das principais características do verbo *chegar* a partir das gramáticas históricas estudadas:

Quadro 4: O verbo *chegar* em Gramáticas históricas

Autores	Transitividade	Nocional ou relacional	Suporte ou auxiliar
Said Ali (1971)	Intransitivo	Nocional	Suporte
Coutinho (1976)	Intransitivo/transitivo	Nocional	Suporte

Fonte: Elaboração da pesquisadora

O acesso que tivemos as gramáticas históricas nos permitiu que chegássemos as seguintes conclusões a respeito do verbo *chegar*:

- É intransitivo e transitivo;
- Admite adjuntos (sendo o principal e mais antiga a partícula locativa “a”);
- Faz parte dos verbos arcaicos;
- Não é tradicionalmente um verbo auxiliar;
- Indica movimento (com e sem referência a ponto físico)

O que dizem as Gramáticas prescritivas

Na *Moderna Gramática Portuguesa*, Bechara (2004), de forma descritiva, nos apresenta um extenso capítulo sobre o verbo. Segundo ele, o verbo é uma unidade de significado categorial fundamental para a organização do falar. E, a locução verbal “[...] é a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal [...]” (BECHARA, 2004, p. 230). Chama-nos a atenção que o referido

gramático, ao tratar das locuções verbais não se debruça no tocante às características que diferenciam as locuções das perífrases verbais, nem mesmo da questão de nomenclatura das mesmas. Além disso, Bechara (2004) se propõe a apresentar várias aplicações dos verbos auxiliares na Língua Portuguesa, mas sempre partindo dos verbos *ter*, *haver* e *ser*, que como se sabe, no Português, são os que mais atuam na construção de orações com um verbo auxiliar dando suporte ao verbo principal.

Bechara (2004), no capítulo referente à locução verbal, cita os verbos de movimento, mas não enquanto verbos auxiliares e sim como verbos principais que podem ser auxiliados pelo verbo *ser*, lembrando-nos que esse verbo aparece apenas em combinações que remetem aos depoentes latinos, principalmente, os verbos de movimento como em:

“*Era chegada a ocasião da fuga*” (BECHARA, 2004, p.232)

Bechara (2004, p.232) se preocupa, ainda, em esclarecer que os verbos auxiliares modais possuem características importantes. Segundo o gramático, esses verbos se combinam com o infinitivo ou o gerúndio do verbo principal para exercer rigorosidade na determinação de como se dá a ação verbal, que pode ser por: a. necessidade, obrigação, dever; b. possibilidade ou capacidade; c. vontade ou desejo; d. tentativa ou esforço; e. consecução; f. aparência, dúvida; g. movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto); e, h. resultado. O verbo *chegar* é enquadrado pelo gramático como um verbo que, acompanhado da preposição “a”, expressa resultado, como em “chegar a escrever”. No entanto, observamos que expressões como: *Chegar a escrever*, *chegar doer*, *chegar delirar* são encontradas na Língua Portuguesa falada no Brasil, o que nos sugere que, no processo de gramaticalização por que passa o verbo *chegar*, a ausência da preposição, na modalidade falada, não altera o resultado de V1 em relação ao sentido aspectual da oração, ou seja, nesses exemplos, com ou sem a preposição, V1 continua exercendo função resultativa.

Por sua vez, Cunha e Cintra (2001), na *Nova gramática do Português Contemporâneo*, ocupam-se da descrição da Língua Portuguesa a partir da consideração sincrônica das diversas normas vigentes dentro de um enorme domínio geográfico, principalmente em Portugal e no Brasil. Para isso, consideram, nessa obra, a linguagem como um conjunto psíquico complexo determinado pela vida social. A língua, seguindo esse preceito, é um sistema pertencente a um grupo de indivíduos. E, para os autores, o discurso está para a execução individual, pautado pelo gosto e pelo pensamento.

E, quanto à função, para Cunha e Cintra (2001), o verbo pode ser principal ou auxiliar. Sendo que o primeiro grupo de refere àqueles verbos de significação plena, como núcleo da oração. E, os verbos auxiliares são aqueles que, por sua vez, constituem, junto com um verbo pleno, as locuções verbais. Em síntese, para os gramáticos, os auxiliares mais comuns (mas não os únicos) são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.

Para Rocha Lima (2003), em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, a linguagem é, em sentido amplo, qualquer processo de comunicação, que se estende desde um gesto mímico, passa pelos sinais e sinalizações gráficas, ou a transmissão de mensagens por meio de artefatos como bandeiras, emblemas etc. No entanto, como o próprio gramático afirma, para a linguística o que realmente interessa é “[...]a linguagem que se exterioriza pela palavra humana, fruto de uma atividade mental superior e criadora (ROCHA LIMA, 2003, p.04). É essa linguagem, sobre a qual nos debruçamos nessa viagem rumo a gramaticalização do verbo *chegar*.

As gramáticas prescritivas que analisamos possibilitaram as seguintes constatações:

- Não há consenso entre os gramáticos para a diferenciação entre o que é Locução verbal e o que é perífrase verbal;
- A tradição gramatical considera, como verbos prototipicamente auxiliares, *ter*, *haver*, *ser*;
- Estudos mais recentes a respeito da auxiliaridade verbal passam a considerar os verbos de movimento como aqueles que podem ocupar posição V1 dentro de estruturas perifrásticas.

Gramáticas descritivas

O verbo é uma classe gramatical amplamente estudada pelas gramáticas descritivas do Português. Trata-se, por isto mesmo, de uma classe muito importante em qualquer lugar do mundo, dada a sua complexidade para formação das línguas. Muitos autores concordam com a premissa de que é a partir de um conceito semântico-formal que o verbo se estabelece enquanto a classe mais necessária na construção das orações. De acordo com Fávero (2015), o verbo é responsável em unir dois termos: sujeito e atributo, se subdividindo em duas funções, a saber: 1. Interna (sintático-semântica) e 2. Externa (performativa e pragmática).

Para Castilho (2016), o estatuto categorial do verbo leva em consideração os sistemas de que é feita uma língua, a partir de definições semânticas, gramaticais e discursivas e da relação entre elas. Para ele, as propriedades gramaticais do verbo se definem por meio da morfologia e da sintaxe. Sendo o verbo, segundo o autor, do ponto de vista morfológico, constituído de um radical e de morfemas flexionais sufixais específicos representados por ele pelo seguinte esquema:

V → morfemas-vocábulo prefixais + radical + morfemas flexionais sufixais

Castilho (2016, p. 396) prossegue na caracterização gramatical, afirmando que, do ponto de vista sintático, o verbo é a palavra que articula seus argumentos por meio do princípio da projeção, com atuação das unidades linguísticas na gramática, na semântica e no discurso. No entanto, segundo ele, há um problema de generalização categórica, porque o substantivo, o adjetivo e o advérbio, também, “tem a propriedade de subcategorizar argumentos” (Castilho, 2016, p.396), o que os elegeria a uma mesma classe. Então, o linguista sugere que é necessário voltar-se para a morfologia, como forma de diferenciar o estatuto gramatical verbal das demais classes de palavras.

Considerações finais

Neste estudo, analisamos e descrevemos o processo do verbo chegar rumo à gramaticalização, com especial atenção as estruturas do tipo [V1 (e) + V2], chamadas de perífrases verbais. Nossa investigação partiu da hipótese de que *chegar* na língua portuguesa falada passa um processo de abstratização, no qual uma das principais evidências é a perda do sentido de movimento de um ponto X para um ponto Y. Seguindo esta ideia, nós fizemos uma volta no tempo e, ao percorremos gramáticas históricas, prescritivas e descritivas, constatamos, primordialmente, duas coisas, a saber: 1. O uso de *chegar* para indicar movimento já nasce de um processo cognitivo, quer seja, analogia ou reanálise, a depender do autor que se busque; 2. Em seu caminho rumo à gramaticalização, o verbo chegar vem admitindo novos usos em diferentes níveis de abstratização. Feitas essas constatações, mergulhamos neste delicioso estudo a respeito de um item cuja categoria é fundamental para constituição da Língua Portuguesa.

O embasamento teórico por nós escolhido (o Sociofuncionalismo e o Funcionalismo Norte Americano) que tornou possível a nossa análise se deu porque esta investigação se ocupa da língua em uso, partindo da comunidade de Vitória da Conquista com o intuito de

compreendermos os processos que colaboram para uma provável mudança e variação em progresso do verbo chegar na Língua Portuguesa. Contudo, sabemos que não foi possível abarcarmos neste trabalho investigativo todas as características de mudança do item, dados os fatores como tempo, complexidade e as várias nuances cabíveis a um estudo que pretenda tratar da variação e da mudança linguística.

Ressaltamos, também, que a maior parte das nossas hipóteses se confirmam e, por isso, reafirmamos que o verbo *chegar*, dentro de estruturas perifrásticas, exerce função auxiliar e fora delas, caminha rumo à gramaticalização, permitindo expressões do tipo “*Chega!*”, com o sentido imperativo de “*Pare!*” e, perífrases do tipo “*Ele chegou e disse: rema mais rápido, vamos afundar*”, em contextos em que não há movimento de um ente + animado de um lugar X para um lugar Y.

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. 1986. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 36 ed., SP: Companhia Editora Nacional, 1997.

_____. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed., Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.

BORBA, Francisco da Silva. *Uma gramática de valências para o Português*. São Paulo: Ática, 1996.

BUENO, F. da Silveira, *Grande Dicionário etimológico-prosódico da Língua Portuguesa* 2º volume, Saraiva, São Paulo 1968.

BOLÉO, Manuel de Paiva. *Brasileirismos (Problemas de Método)*. Coimbra Editora, 1943.

CASTILHO, Ataliba T. de (1999-2000). *Para a história do Português de São Paulo*. Revista Portuguesa de Filologia XXIII, 29-70.

COSERIU, E. 1979. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presença.

CEZARIO, Maria Maura. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). Manual de Lingüística. São Paulo: Contexto, 2009. p. 113-126.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. Nova gramática do português do contemporâneo. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

HOUAISS, A. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, M^a Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LYONS, John. *Lingua(gem) e linguística: uma introdução*. Tradução Marilda Winkler Averburg, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

LUFT, Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002.

MACHADO, P. J. Dicionário etimológico da língua Portuguesa, ed. 2; editora confluência.. 1967.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998-(Dicionários Michaelis)..

NASCENTES, Antenor. Dicionário de sinônimos. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

PONTES, Eunice. Verbos auxiliares no português. Petrópolis: Vozes, 1973.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática normativa da língua portuguesa. 35. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

SAID ALI, Manoel. Gramática Elementar da Língua Portuguesa. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de, O.F.M 1744-1822, Elucidário das Palavras, termos e frases, 2 ed. Lisboa.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

ROCHA, Nayara Crisley Barreto Brasil Farias; SOUSA, Valéria Viana. Gramaticalização do item linguístico chegar: analisando um verbo de/em movimento no Português. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.44, p. 132-147. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 28/12/2018

Aceito 30/12/2018